



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 9, abril/2026



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 9, abril/2026

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



OPINIÃO:

DETERMINANTES ESTRUTURAIS DA ALIMENTAÇÃO E SEUS EFEITOS SOBRE O ESTADO NUTRICIONAL NO BRASIL

Iury de Lima Sales*

Por que a obesidade atinge mais os brasileiros de menor renda? A resposta não está apenas nas escolhas individuais, mas nas condições estruturais que moldam o que cada família consegue colocar na mesa. É o que revela a pesquisa "Determinantes Estruturais da Alimentação e seus Efeitos sobre o Estado Nutricional no Brasil", desenvolvida no âmbito do curso de Ciências Econômicas da Unifor.

O estudo, fundamentado na Teoria do Custo de Oportunidade de Gary Becker, analisou microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2019) e da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2017-2018). Os resultados revelam um gradiente claro: a prevalência de obesidade alcança 32,7% no quintil mais pobre e cai para 20,1% no mais rico. O IMC médio acompanha essa tendência – 28,7 contra 26,8.

A disparidade se explica por fatores que vão além da renda. Trabalhadores do quintil inferior cumprem jornadas semanais de 46,3 horas e enfrentam deslocamentos diários de 72 minutos, contra 40,4 horas e 52 minutos no quintil superior. O tempo escasso compromete diretamente a alimentação: 38,1% dos mais pobres relatam falta de tempo para cozinhar, ante 26,8% dos mais ricos.

O reflexo aparece na composição da dieta. Famílias de menor renda apoiam-se em itens básicos de preparo rápido – arroz (134,7 g/dia), feijão (94,1 g/dia) e macarrão instantâneo (39,8 g/dia) – enquanto o consumo de frutas (12,8 g/dia) e hortaliças (8,2 g/dia) permanece muito baixo. Na outra ponta, famílias do quartil mais rico consomem seis vezes mais frutas (76,5 g/dia) e quase seis vezes mais hortaliças (46,2 g/dia). Além disso, os ultraprocessados já representam 37,7% das calorias adquiridas pelos mais pobres, evidenciando que esses produtos penetram todos os estratos sociais.

Os achados reforçam que o comportamento alimentar no Brasil é condicionado por restrições materiais e temporais, não apenas por preferências. Combater a obesidade exige políticas públicas que transcendam a educação nutricional, reduzindo barreiras de acesso a alimentos saudáveis e enfrentando as desigualdades de tempo impostas pela organização do trabalho e da mobilidade urbana.

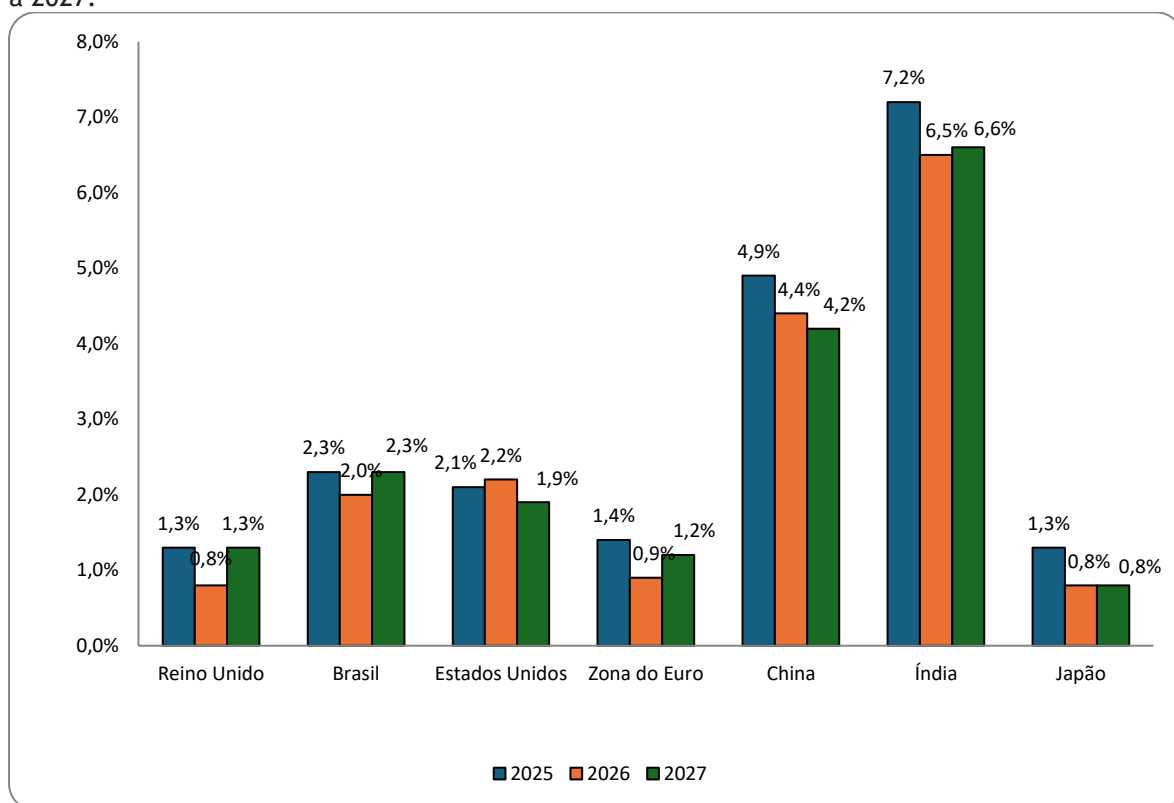
* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

PANORAMA INTERNACIONAL

O panorama internacional do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para o triênio 2025-2027 evidencia um cenário de expansão moderada, porém heterogênea entre as principais economias globais.

Entre as economias desenvolvidas, os Estados Unidos mantêm desempenho relativamente estável, com crescimento projetado de 2,1% em 2025, 2,2% em 2026 e leve desaceleração para 1,9% em 2027, refletindo resiliência econômica mesmo sob condições monetárias restritivas. O Reino Unido apresenta trajetória oscilante, com crescimento de 1,3% em 2025, desaceleração para 0,8% em 2026 e retomada para 1,3% em 2027, indicando desempenho modesto, típico de economias já maduras. A Zona do Euro segue em ritmo contido, com projeções de 1,4% em 2025, 0,9% em 2026 e recuperação moderada para 1,2% em 2027, ainda sob efeito das políticas monetárias contracionistas adotadas nos últimos anos para conter a inflação.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2025 a 2027.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em abril/2026.

O Japão registra um dos menores crescimentos entre os países analisados, com taxas de 1,3% em 2025 e 0,8% tanto em 2026 quanto em 2027, refletindo desafios demográficos estruturais e baixa dinâmica de expansão econômica.

Entre as economias emergentes, a China mantém taxas relativamente elevadas, embora em trajetória de desaceleração gradual, passando de 4,9% em 2025 para 4,4% em 2026 e 4,2% em 2027, associada a desafios no setor imobiliário e à transição para um modelo econômico mais voltado ao consumo doméstico. A Índia consolida-se como a economia de crescimento mais acelerado do período, com taxas superiores a 6% – 7,2% em 2025, 6,5% em 2026 e 6,6% em 2027 –, impulsionada pela demografia favorável, pela expansão dos investimentos e pelo dinamismo do mercado interno.

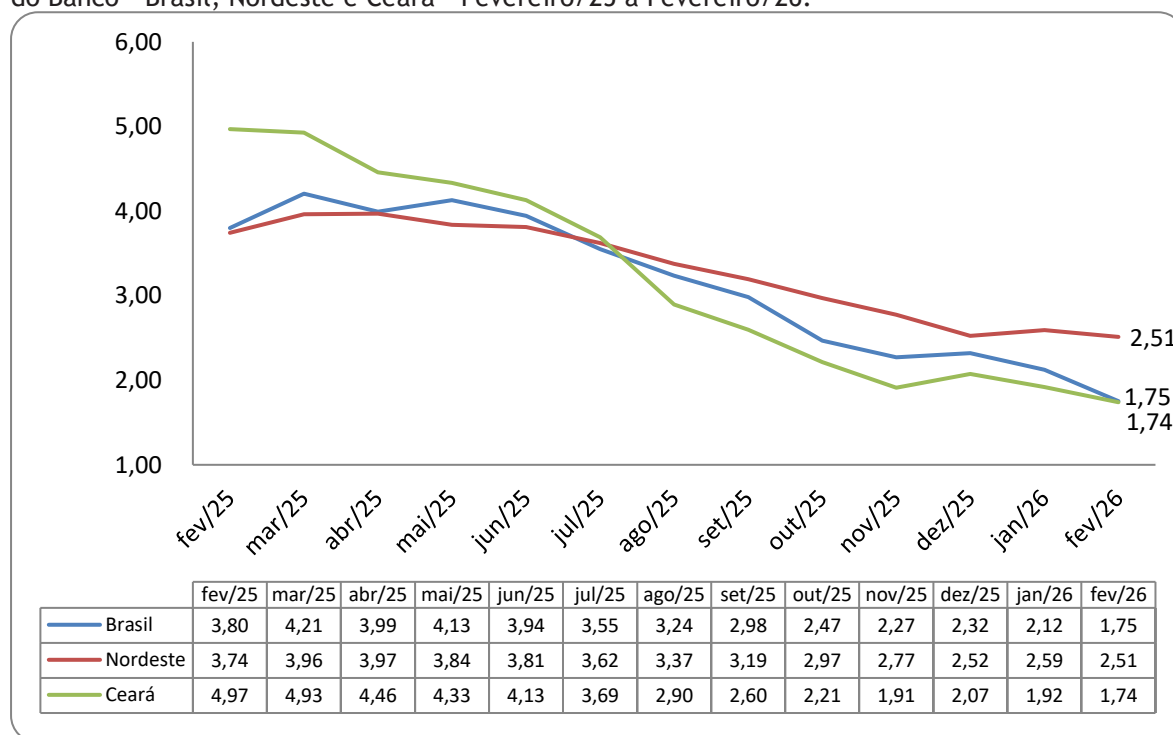
O Brasil apresenta crescimento moderado e relativamente estável, com projeção de 2,3% em 2025, desaceleração para 2,0% em 2026 e retomada para 2,3% em 2027. Esse comportamento indica uma recuperação gradual, ainda limitada por fatores estruturais como produtividade, ambiente de negócios e dependência de commodities.

De forma geral, o cenário projetado para 2025-2027 aponta para uma economia global em crescimento, porém com desaceleração em algumas das principais economias emergentes e manutenção de ritmos modestos nas economias avançadas. Esse contexto reforça a tendência de deslocamento gradual do dinamismo econômico global para países emergentes, especialmente na Ásia, ao mesmo tempo em que evidencia a importância de reformas estruturais e estabilidade macroeconômica para sustentar o crescimento no médio prazo.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O acompanhamento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), indicador frequentemente utilizado como aproximação do comportamento do Produto Interno Bruto (PIB), permite observar a dinâmica recente da atividade econômica no Brasil, no Nordeste e no Ceará. A análise das três séries revela que, ao longo do período de fevereiro de 2025 a fevereiro de 2026, todas as regiões mantiveram crescimento acumulado positivo nos últimos 12 meses, embora em ritmo decrescente ao longo do tempo.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Fevereiro/25 a Fevereiro/26.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O início de 2025 foi marcado por maior vigor da atividade econômica, com o Ceará liderando o desempenho regional com crescimento acumulado de 4,97% em fevereiro de 2025, seguido pelo Nordeste, com 3,74%, e pelo Brasil, com 3,80%. A partir de março, quando o indicador nacional atingiu 4,21%, observou-se o início de uma trajetória de desaceleração mais acentuada nas três esferas geográficas.

Em fevereiro de 2026, o crescimento acumulado recuou para 1,75% no Brasil, 2,51% no Nordeste e 1,74% no Ceará. O Nordeste destacou-se como a região com melhor desempenho relativo ao final do período, enquanto o Ceará, que partia do maior patamar no início da série, encerrou o intervalo com o menor crescimento acumulado dentre as três localidades (Brasil, Nordeste e Ceará).

Apesar da desaceleração verificada, as taxas de crescimento acumulado permaneceram positivas em todo o intervalo analisado, indicando que a atividade econômica ainda se encontra em trajetória de expansão, embora em ritmo mais moderado do que o observado no início de 2025. Essa convergência

para patamares mais baixos ao final do período reflete, em parte, o efeito de base de comparação mais elevado dos anos anteriores, bem como os desafios do ambiente macroeconômico doméstico e externo observados no segundo semestre de 2025.

Os dados mais recentes indicam que a economia brasileira e regional permanece aquecida, sem sinais claros de reversão no curto prazo, embora os níveis já elevados possam sugerir um ritmo de crescimento mais moderado à frente.

O Setor Agrícola

A análise da dinâmica recente do setor agrícola revela cenários de crescimento produtivo e ganhos expressivos de eficiência, com disparidades notáveis entre as escalas estadual, regional e nacional. As estimativas para a safra de grãos 2025/26, com base no 7º Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado em abril de 2026, e no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE, de março de 2026, consolidam uma trajetória de expansão da produção brasileira, sustentada majoritariamente pela ampliação da fronteira agrícola e pelo bom desempenho de culturas específicas.

Os dados da Conab indicam produção total estimada em 356,3 milhões de toneladas para a safra 2025/26, superando em 1,2% – ou 4,1 milhões de toneladas – o volume colhido na safra 2024/25. A área plantada está estimada em 83,3 milhões de hectares, expansão de 2,0% ante a safra anterior, equivalente à incorporação de 1,6 milhão de hectares. Do ponto de vista da produtividade média, a Conab registra queda de 0,8% na safra 2025/26, passando de 4.310 kg/ha para 4.276 kg/ha, sinal de que a expansão da área plantada não foi acompanhada de ganhos proporcionais de eficiência produtiva.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2024/25 e 2025/26 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Ceará	938,7	928,8	-1,1	379,0	684,0	80,2	356,1	634,9	78,3
Nordeste	10.041,6	10.340,4	3,0	3.129,0	3.203,0	2,4	31.420,6	33.119,5	5,4
Brasil	81.734,8	83.329,9	2,0	4.310,0	4.276,0	-0,8	352.266,0	356.344,3	1,2

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em fevereiro de 2026.

A região Nordeste apresenta dinâmica positiva na safra 2025/26. A área plantada avançou 3,0%, passando de 10.041,6 mil hectares para 10.340,4 mil hectares. A produtividade média também registrou crescimento de 2,4%, subindo de 3.129 kg/ha para 3.203 kg/ha. Como resultado, a produção total estimada alcançou 33.119,5 mil toneladas, expansão de 5,4% frente às 31.420,6 mil toneladas colhidas na safra anterior. Esse desempenho posiciona o Nordeste como a segunda região de maior crescimento relativo no País, atrás apenas do Sul.

O Ceará protagoniza o resultado mais expressivo da safra 2025/26 entre as unidades da federação analisadas. A área cultivada recuou levemente, de 938,7 mil hectares para 928,8 mil hectares, variação de -1,1%. Contudo, a produtividade média registrou salto de 80,2%, passando de 379 kg/ha na safra 2024/25 para 684 kg/ha na safra 2025/26. Esse avanço de eficiência produtiva foi o principal responsável pelo crescimento de 78,3% na produção total cearense, que saltou de 356,1 mil toneladas para 634,9 mil toneladas.

Esse resultado pode ser associado à recuperação pluviométrica no semiárido cearense, ao melhor desempenho de culturas de sequeiro como milho e feijão, tradicionais na agricultura familiar do estado, além da adoção crescente de boas práticas agrícolas e apoio técnico à produção.

O cenário evidencia que o agronegócio nacional encontra-se em fase de transição, com resultados heterogêneos que demandam estratégias regionalizadas. O crescimento sustentável depende mais de ganhos de produtividade e investimentos tecnológicos do que da simples expansão de fronteiras

agrícolas. A consolidação do desempenho cearense e nordestino ao longo das próximas safras dependerá da continuidade dos investimentos em infraestrutura hídrica, assistência técnica, acesso a insumos e crédito rural para a agricultura familiar.

O Setor da Indústria

O desempenho do setor industrial até fevereiro de 2026 evidencia um cenário de fragilidade, sobretudo quando se observam as diferenças entre regiões e segmentos. No Brasil, a indústria geral apresentou leve retração de -0,2%, indicando estagnação da atividade. O Nordeste registrou pequeno avanço de 0,5%, enquanto o Ceará apresentou queda mais intensa, de -8,8%, sinalizando que o estado foi particularmente afetado neste início de ano.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até fevereiro de 2026 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	-2,2	-	-8,8
Produtos alimentícios	1,1	3,8	-14,2
Bebidas	3,9	4,5	-8,5
Produtos do fumo	3,1	-	-
Produtos têxteis	-7,8	-17,5	-16,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-11,2	-7,2	-8,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-9,9	-13,8	-11,0
Produtos de madeira	-4,4	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-1,4	0,7	-
Impressão e reprodução de gravações	-16,7	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	1,3	10,7	12,2
Outros produtos químicos	-4,6	-3,0	6,7
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	20,7	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	-0,8	4,0	-
Produtos de minerais não-metálicos	-2,5	-0,5	1,0
Metalurgia	-1,4	6,5	-11,9
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-7,5	-3,7	3,5
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-8,1	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-4,2	-35,3	-31,8
Máquinas e equipamentos	-13,5	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-7,0	-16,1	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-3,5	-	-
Móveis	-7,5	-	-
Produtos diversos	-3,4	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	3,8	-	-
Indústrias extrativas	11,1	14,0	-
Indústria geral	-0,2	0,5	-8,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2026 a fevereiro/2026 (Base: igual período do ano anterior).

Na indústria de transformação, segmento mais relevante em termos de geração de valor agregado, o cenário mostra-se ainda mais preocupante. No Brasil, houve queda de -2,2%, ao passo que no Ceará a retração também foi de -8,8%. No Nordeste, o resultado ficou praticamente estável em 0,0%, sugerindo dificuldade generalizada de expansão da atividade industrial, especialmente nos segmentos mais dependentes de consumo e investimento.

Por outro lado, as indústrias extrativas apresentaram crescimento significativo, com alta de 11,1% no Brasil e 14,0% no Nordeste, evidenciando que o desempenho positivo da indústria permanece concentrado em atividades ligadas a recursos naturais.

Na análise setorial, observa-se com clareza essa desigualdade. No Brasil, segmentos como bebidas (+3,9%) e produtos alimentícios (+1,1%) apresentaram crescimento, possivelmente associado à manutenção do consumo básico. Já setores como têxteis (-7,8%) e confecção de vestuário (-11,2%) registraram quedas relevantes, indicando enfraquecimento do consumo de bens não essenciais.

No Ceará, o cenário é ainda mais acentuado. Apesar de alguns setores específicos apresentarem crescimento, como produtos químicos (+6,7%) e derivados do petróleo (+12,2%), a maioria das atividades registrou desempenho negativo. Produtos alimentícios recuaram -14,2%, bebidas -8,5% e têxteis -16,1%. Além disso, segmentos mais ligados a investimento, como máquinas e materiais elétricos, tiveram forte retração de -31,8%, o que reforça a percepção de desaceleração econômica mais acentuada no estado.

Esses resultados podem estar associados ao nível ainda elevado das taxas de juros, que tende a reduzir o consumo e os investimentos industriais, afetando setores mais dependentes de crédito. Custos de produção elevados, dependência de insumos e limitações estruturais, especialmente no Nordeste, também contribuem para esse desempenho mais fraco. No caso do Ceará, a concentração da atividade em poucos setores aumenta a vulnerabilidade, fazendo com que quedas mais fortes em determinados segmentos impactem de forma mais significativa o resultado geral.

De forma geral, observa-se uma indústria que ainda não conseguiu retomar um ritmo consistente de crescimento. O desempenho positivo das indústrias extrativas não tem sido suficiente para compensar as perdas da transformação, o que reforça a necessidade de maior diversificação produtiva e fortalecimento dos setores industriais mais complexos.

O Setor de Serviços

O setor de serviços no Brasil registrou crescimento de 1,9% no acumulado até fevereiro de 2026. Esse avanço foi impulsionado principalmente pelos serviços prestados às famílias, como alimentação e lazer, que cresceram 3,0%, e pelos serviços de informação e comunicação, que apresentaram expansão de 5,6%, com destaque para o segmento de tecnologia. Os serviços profissionais e administrativos também contribuíram positivamente, com alta de 2,4%. Em contrapartida, alguns setores restringiram um crescimento mais expressivo, como transportes e correios, que recuaram -1,0%, e outros serviços, que registraram queda de -0,4%, indicando que áreas mais tradicionais ainda enfrentam dificuldades.

No recorte estadual, o cenário apresenta heterogeneidade significativa. No Ceará, a retração foi mais acentuada, de -5,3%, influenciada principalmente pela queda nos serviços de informação e comunicação (-4,2%), nos serviços profissionais e administrativos (-10,2%) e nos transportes (-1,9%). Esse resultado indica desaceleração mais significativa da economia local, com potenciais impactos sobre emprego e investimentos.

Em Pernambuco, a queda foi leve, de -0,3%. Embora setores como informação e comunicação tenham apresentado crescimento expressivo (+6,4%), segmentos como serviços profissionais (-1,3%), transportes (-2,2%) e outros serviços (-5,1%) pressionaram o resultado para baixo, configurando uma economia em transição, na qual algumas áreas avançam enquanto outras permanecem em retração.

A Bahia apresentou cenário mais equilibrado, com leve crescimento de 0,2%, sustentado pelos serviços prestados às famílias (+2,8%) e pelos serviços de informação e comunicação (+4,8%). Ainda assim, recuos em transportes (-1,9%) e outros serviços (-10,8%) limitaram um avanço mais expressivo.

Em síntese, o crescimento do setor de serviços no Brasil permanece associado ao consumo das famílias e à digitalização, com segmentos de alimentação, lazer e tecnologia figurando como os de maior dinamismo. A retração em transportes e serviços mais tradicionais aponta para desafios persistentes, como custos elevados e menor movimentação econômica, com potenciais repercussões sobre outros setores da economia.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até fevereiro de 2026⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	3,0	2,1	-0,8	2,8
Serviços de alojamento e alimentação	3,2			
Alojamento	3,2			
Alimentação	3,2			
Outros serviços prestados às famílias	1,9			
Serviços de informação e comunicação	5,6	-4,2	6,4	4,8
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	5,4			
Telecomunicações	1,1			
Serviços de Tecnologia da Informação	9,8			
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	7,6			
Serviços profissionais administrativos e complementares	2,4	-10,2	-1,3	1,5
Serviços técnico-profissionais	4,8			
Serviços administrativos e complementares	0,8			
Aluguéis não imobiliários	0,3			
Serviços de apoio às atividades empresariais	0,9			
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,0	-1,9	-2,2	-1,9
Transporte terrestre	1,4			
Rodoviário de cargas	1,9			
Rodoviário de passageiros	-0,6			
Outros segmentos do transporte terrestre	2,6			
Transporte aquaviário	-7,7			
Transporte aéreo	3,0			
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-6,0			
Outros serviços	-0,4	-12,0	-5,1	-10,8
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	-0,7			
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-0,3			
Atividades imobiliárias	-1,7			
Outros serviços não especificados anteriormente	0,3			
Total	1,9	-5,3	-0,3	0,2

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2026 a fevereiro /2026 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

O comércio varejista no Brasil apresentou crescimento de 1,5% no acumulado até fevereiro de 2026, sendo superado pelos estados nordestinos analisados: Pernambuco liderou a expansão com alta expressiva de 12,2%, seguido pela Bahia com 3,6% e pelo Ceará com 3,5%. O segmento de Hipermercados e Supermercados foi um dos principais motores desse desempenho, especialmente em Pernambuco, onde o avanço atingiu 28,6%, enquanto no Ceará o crescimento foi mais moderado, de 0,5%.

Outro destaque positivo para o Ceará foi o setor de Artigos Farmacêuticos e Perfumaria, que cresceu 7,2%, o dobro da média nacional de 3,6%. Por outro lado, alguns setores enfrentaram dificuldades generalizadas, como Tecidos, Vestuário e Calçados, que registrou queda no Brasil (-1,7%), no Ceará (-2,8%) e retração severa na Bahia (-19,2%). O segmento de Móveis também operou em campo negativo em todas as áreas, com o Brasil recuando -5,4% e o Ceará -1,3%, embora o setor de Eletrodomésticos tenha compensado parcialmente essas perdas com altas em todos os recortes, incluindo crescimento de 5,2% tanto no âmbito nacional quanto no cearense.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até fevereiro de 2026⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,5	3,5	12,2	3,6
Combustíveis e lubrificantes	-0,2	4,3	-7,4	10,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,1	3,5	24,5	4,0
Hipermercados e supermercados	2,1	0,5	28,6	6,0
Tecidos, vestuário e calçados	-1,7	-2,8	-6,5	-19,2
Móveis e eletrodomésticos	2,6	1,9	10,4	2,9
Móveis	-5,4	-1,3	4,1	-4,0
Eletrodomésticos	5,2	5,2	12,4	8,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,6	7,2	-1,5	1,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,7	-7,6	9,9	-12,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	3,0	-17,2	13,7	-13,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-1,6	7,2	10,1	2,3
Comércio varejista ampliado	-0,5	2,7	7,5	2,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	-5,5	-0,4	0,1	-11,4
Material de construção	-5,5	-8,6	-8,5	-3,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,6	10,3	4,7	19,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a fevereiro/2026 (Base: igual período do ano anterior).

Um ponto de atenção específico para o mercado cearense foi a queda acentuada de -17,2% em Equipamentos para Escritório e Informática, contrastando com a alta nacional de 3,0%.

No comércio varejista ampliado, que inclui veículos e material de construção, o cenário nacional foi de leve retração de -0,5%, enquanto os estados do Nordeste mantiveram saldos positivos, com o Ceará registrando alta de 2,7% e a Bahia 2,5%. Esse resultado regional foi impulsionado pelo Atacado Especializado em Alimentos, Bebidas e Fumo, que apresentou crescimento de 10,3% no Ceará e 19,4% na Bahia. Em contrapartida, o setor de Material de Construção demonstrou fragilidade em todas as frentes, com quedas de -5,5% no Brasil e -8,6% no Ceará.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O mercado de trabalho formal apresentou desempenho positivo no início de 2026, com destaque para a geração líquida de empregos no mês de fevereiro. No Brasil, foram registradas 255,3 mil vagas formais, resultado de 2,38 milhões de admissões frente a 2,13 milhões de desligamentos, indicando continuidade na recuperação do emprego. Após a forte retração observada em dezembro de 2025, quando houve saldo negativo de -630,6 mil vagas (-1,28%), reflexo principalmente da sazonalidade e do encerramento de contratos temporários, o mercado iniciou processo de recuperação em janeiro de 2026, com saldo de 115,0 mil vagas, movimento que se confirmou e acelerou em fevereiro.

No acumulado de 2026 (janeiro e fevereiro), o Brasil registrou saldo de 370,3 mil postos de trabalho, resultado de 4,62 milhões de admissões frente a 4,25 milhões de desligamentos, representando variação de 0,8%. No acumulado dos últimos 12 meses, o saldo atingiu 1,047 milhão de vagas, com crescimento de 2,2%, reforçando a tendência de expansão do emprego formal.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - fevereiro/2025 a fevereiro/2026 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
fev-25	2.615,9	2.175,5	440,4	0,93	345,0	302,0	43,1	0,54	61,1	54,38	6,7	0,48
mar-25	2.260,7	2.181,2	79,6	0,17	288,9	298,8	-10,0	-0,12	48,5	51,1	-2,7	-0,19
abr-25	2.323,5	2.086,0	237,5	0,50	323,9	278,3	45,6	0,57	57,0	48,1	8,9	0,63
mai-25	2.281,8	2.129,4	152,4	0,32	329,5	281,0	48,5	0,60	56,8	51,1	5,7	0,40
jun-25	2.167,9	2.006,4	161,6	0,33	301,7	266,3	35,4	0,44	56,7	49,4	7,3	0,5
jul-25	2.270,0	2.135,9	134,0	0,28	326,7	286,0	40,7	0,50	61,2	53,6	7,6	0,53
ago-25	2.261,3	2.110,3	151,0	0,31	343,3	286,9	56,3	0,69	61,5	54,5	7,0	0,48
set-25	2.305,9	2.092,1	213,8	0,44	352,7	279,0	73,7	0,90	63,2	52,8	10,4	0,72
out-25	2.294,0	2.200,2	93,8	0,19	333,1	297,6	35,5	0,43	59,3	55,7	3,6	0,25
nov-25	1.994,1	1.910,4	83,7	0,17	290,1	254,5	35,6	0,43	51,5	45,9	5,6	0,38
dez-25	1.533,7	2.164,3	-630,6	-1,28	220,9	282,5	-61,6	-0,74	37,0	48,0	-11,1	-0,75
jan-26	2.238,5	2.123,4	115,0	0,24	304,1	295,0	9,1	0,11	54,8	54,5	0,3	0,02
fev-26	2.381,8	2.126,5	255,3	0,5	305,2	293,6	11,6	0,1	54,8	50,5	4,3	0,3
Acum. do Ano	4.620,2	4.249,9	370,3	0,8	609,3	588,6	20,7	0,3	109,5	105,0	4,6	0,3
Acum. dos últimos 12 meses	26.313,0	25.266,0	1.047,0	2,2	3.720,1	3.399,6	320,5	4,0	662,1	615,2	46,9	3,3

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2025 e 2026. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

A região Nordeste também apresentou desempenho positivo, com saldo de 11,6 mil vagas em fevereiro de 2026. A região foi igualmente impactada pela sazonalidade em dezembro de 2025 (-61,6 mil vagas; -0,74%), mas apresentou recuperação imediata, com saldos positivos de 9,1 mil em janeiro e 11,6 mil em fevereiro. No acumulado do ano, a região gerou 20,7 mil empregos formais, com variação de 0,3%. No acumulado dos últimos 12 meses, o saldo foi de 320,5 mil vagas, com crescimento de 4,0%, demonstrando desempenho proporcionalmente superior ao agregado nacional de 2,2%.

No Ceará, o mercado de trabalho formal também registrou resultado positivo em fevereiro de 2026, com geração de 4,3 mil postos de trabalho, após desempenho mais contido em janeiro (0,3 mil vagas; 0,02%). No acumulado do ano, o estado registrou saldo de 4,6 mil vagas, com variação de 0,3%. No acumulado dos últimos 12 meses, o Ceará apresentou saldo de 46,9 mil empregos formais, com crescimento de 3,3%, evidenciando desempenho consistente e superior à média nacional no médio prazo.

De forma geral, os dados indicam que o mercado de trabalho formal segue em expansão, ainda que em ritmo moderado no curto prazo. O desempenho mais expressivo no acumulado de 12 meses reforça a tendência de crescimento do emprego formal, tanto no âmbito nacional quanto nas esferas regional e estadual, indicando continuidade do movimento de recuperação.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

A análise da balança comercial até março de 2026 evidencia comportamentos distintos entre o Brasil, o Nordeste e o Ceará, refletindo diferentes níveis de dinamismo e inserção no comércio internacional.

No âmbito nacional, o Brasil apresentou desempenho positivo no mês de março, com exportações de US\$ 31,6 bilhões, registrando crescimento de 10,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. As importações, por sua vez, avançaram em ritmo mais acelerado (+20,1%), totalizando US\$ 25,2 bilhões. Esse diferencial de ritmo resultou na redução do saldo comercial, que atingiu US\$ 6,4 bilhões, com queda de -17,2%. Ainda assim, o país manteve posição superavitária. No acumulado do ano, o saldo apresentou crescimento expressivo de 47,6%, impulsionado pelo desempenho das exportações, que

somaram US\$ 82,3 bilhões (+7,1%), contra importações de US\$ 68,1 bilhões (+1,3%). No acumulado de 12 meses, o superávit de US\$ 72,6 bilhões (+11,3%) indica solidez e consistência do setor externo brasileiro.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Março de 2026	31.603,4	10,0	25.198,8	20,1	6.404,6	-17,2	56.802,2	14,3
Acumulado do Ano	82.338,0	7,1	68.163,4	1,3	14.174,6	47,6	150.501,4	4,4
Acumulado 12 meses	353.738,4	5,2	281.100,1	3,8	72.638,3	11,3	634.838,5	4,6
Nordeste								
Março de 2026	1.776,3	-15,5	2.531,1	12,6	-754,8	-433,0	4.307,5	-0,9
Acumulado do Ano	5.085,8	-11,2	6.721,9	-2,8	-1.636,0	-38,1	11.807,8	-6,6
Acumulado 12 meses	24.606,6	-4,2	26.975,5	-9,1	-2.368,9	40,7	51.582,1	-6,8
Ceará								
Março de 2026	93,6	-23,5	304,9	34,2	-211,3	-102,5	398,6	14,3
Acumulado do Ano	552,8	58,4	695,9	-2,4	-143,0	60,7	1.248,7	17,5
Acumulado 12 meses	2.488,5	64,8	2.610,9	-13,4	-122,4	91,8	5.099,4	12,6

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período do ano anterior e com o período imediatamente anterior, respectivamente.

Em relação ao Nordeste, observa-se cenário de maior fragilidade. Em março de 2026, as exportações totalizaram US\$ 1,7 bilhão, com retração de -15,5%, enquanto as importações somaram US\$ 2,5 bilhões, com crescimento de 12,6%. O déficit comercial atingiu US\$ 754,8 milhões, evidenciando agravamento significativo do saldo. No acumulado do ano, o déficit alcançou US\$ 1,6 bilhão, refletindo exportações de US\$ 5,1 bilhões (-11,2%) contra importações de US\$ 6,7 bilhões (-2,8%). A queda mais acentuada das exportações frente à redução das importações aprofunda o desequilíbrio regional, sugerindo fragilidades estruturais na pauta exportadora nordestina. No acumulado de 12 meses, as exportações somaram US\$ 24,6 bilhões (-4,2%) e as importações US\$ 27,0 bilhões (-9,1%), com déficit acumulado de US\$ 2,4 bilhões.

O Ceará apresenta comportamento mais volátil. No mês de março, as exportações recuaram -23,5%, totalizando US\$ 93,6 milhões, enquanto as importações cresceram significativamente (+34,2%), atingindo US\$ 304,9 milhões. Esse movimento ampliou o déficit comercial mensal para US\$ 211,3 milhões. Entretanto, o acumulado do ano revela dinâmica distinta: as exportações cearenses atingiram US\$ 552,8 milhões, com crescimento de 58,4% – o maior índice de expansão entre todos os recortes analisados neste boletim. As importações recuaram -2,4%, totalizando US\$ 695,9 milhões, resultando em déficit acumulado de US\$ 143,0 milhões, redução de 60,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado de 12 meses, as exportações totalizaram US\$ 2,5 bilhões (+64,8%) e as importações US\$ 2,6 bilhões (-13,4%), contribuindo para a redução do desequilíbrio comercial do estado.

O contraste entre o resultado mensal e o acumulado do Ceará constitui um dos pontos mais relevantes desta edição, sugerindo que o fraco resultado de março representa uma variação pontual, e não uma reversão da tendência positiva verificada ao longo do período.

De maneira geral, os dados indicam que o Brasil mantém posição sólida e superavitária no comércio exterior, enquanto o Nordeste e o Ceará enfrentam desafios estruturais, especialmente relacionados à dependência de importações e à instabilidade das exportações. Esse cenário reforça a importância de políticas voltadas à diversificação produtiva, ao aumento da competitividade internacional e ao fortalecimento das cadeias exportadoras regionais.

Autores:

André Oliveira Nogueira
Caio Rocha Antunes Silveira
Caua Souza da Cunha Teófilo
Cauã Mendes Carvalho
Daniel Antônio Mello de Assis
Daniel Bezerra da Costa
Daniel Santiago Mourão Filho
Danilo Pinheiro Aires
Davi Campos Sobral
Filipe Studart Norões Costa
Gabriel Gomes Teixeira
Giselly Leocadio da Silva
João Guilherme Ferreira Holanda
Julio Cesar Freire Barreto Lima
Mariana Cristina Amorim Campos de Olivei
Moacir Goncalves Junior
Pedro Corrêa de Castro
Raquel Sousa Silva
Sarah Kelly Cavalcante Martins
Zion Jose Aguiar Lopes

